EXPLORERS

Co-funded by the European Union

Boletim informativo nº 2 - 2026

Da exploração à seleção aprovada pelos professores

A Inteligência Artificial oferece aos educadores uma gama cada vez maior de ferramentas, mas a abundância cria um novo desafio: como é que os professores decidem quais é que merecem um lugar na sala de aula, a fim de realmente apoiar a aprendizagem?

Nos últimos meses, professores de seis países europeus exploraram, testaram e avaliaram mais de 100 ferramentas de IA.

Descubra a metodologia desenvolvida no âmbito do AI Explorers para analisar, comparar e avaliar ferramentas de IA em diferentes contextos educativos. Saiba mais sobre os critérios utilizados e o processo colaborativo que orientou a seleção.

Esta edição leva os leitores para dentro dessa jornada.

NESTA EDIÇÃO

Escolher bem: por que os critérios importam mais do que o entusiasmo.
Luca Radassao, Fábrica Glocal

Dentro do Processo
Resultados e principais conclusões

A Perspectiva dos Professores
Depoimentos em primeira mão das escolas participantes

Notícias do AI Explorers

Escolher bem: por que os critérios importam mais do que o entusiasmo.

Luca Radassao, Fábrica Glocal



Luca Radassao é psicólogo, pesquisador e designer de projetos da UE, com doutoramento em Psicologia do Trabalho pela Universidade de Bolonha. Ele trabalha na interseção entre formação em IA, inovação educacional e desenvolvimento de projetos Erasmus+. Ele acredita que o entusiasmo por novas tecnologias é bom, mas uma adoção de critérios de avaliação claros é ainda melhor. No âmbito do AI Explorers, ele acompanha a parte metodológica do processo de avaliação.

Existe uma versão da adoção de IA na educação que parece progresso, mas funciona mais como ruído. Um professor descobre uma ferramenta através de um colega, uma conferência ou um algoritmo. Parece promissora. É gratuita, ou pelo menos suficientemente gratuita. Os alunos parecem motivados. E assim permanece — não porque alguém tenha decidido que era a escolha certa, mas porque ninguém decidiu que não era.

Isso não é descuido. É uma resposta razoável a uma situação irracional.

O volume de ferramentas de IA que chegam ao mercado é realmente difícil de navegar, e a maioria dos educadores não recebe o tempo, a formação ou as estruturas necessárias para lidar bem com isso. Na ausência de critérios, o entusiasmo torna-se o filtro padrão. E o entusiasmo, embora valioso, não é o mesmo que discernimento.

A pergunta subjacente à pergunta

Quando um professor pergunta "qual a ferramenta de IA que devo usar?", a verdadeira questão raramente se resume à funcionalidade. Trata-se de confiança. Posso usar isso com meus alunos? Será que resistirá se um pai me perguntar por que a escolhi? Ela trata os dados de crianças de doze anos da mesma forma que eu gostaria que os dados do meu próprio filho fossem tratados?

Essas não são questões técnicas. São questões éticas, mas têm pré-condições técnicas. Conformidade com o RGPD (Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados), mecanismos de consentimento parental, políticas de retenção de dados, termos de serviço adequados à idade: essa é a camada que a maioria dos professores nunca vê, não por descanso, mas porque está enterrada em documentos que exigem conhecimento jurídico e técnico para serem interpretados. E, no entanto, é precisamente essa camada que possui peso institucional e legal.

Uma escola que usa uma ferramenta inadequada para menores não está só a fazer uma escolha pedagógica. Está a assumir uma responsabilidade que a maioria dos seus trabalhadores desconhece.

Vale a pena refletir sobre isso por um momento. Não para causar alarme, mas porque revela algo importante: a conversa sobre IA na educação muitas vezes acontece no nível errado. Falamos sobre motivação, criatividade, personalização, diferenciação — tudo isso importa —, enquanto a questão fundamental de se uma ferramenta pode ser usada legal e seguramente, por vezes, fica sem ser feita.

Uma resposta, não uma solução.

Avaliar as Ferramentas do AI Explorers é uma tentativa de abordar essa questão, não como uma resposta definitiva, mas como um ponto de partida estruturado. A abordagem envolve dois momentos distintos de avaliação, mantidos deliberadamente separados.

A primeira etapa é uma verificação de conformidade, realizada por especialistas em sistemas de IA: não se trata de uma avaliação do valor educacional, mas sim de uma análise prévia sobre se a ferramenta atende às condições básicas que permitiriam à instituição de ensino utilizá-la de forma responsável. Ela está em conformidade com o RGPD (Regulamento Geral de Proteção de Dados)? Trata os dados de menores de forma adequada? Seus termos de serviço são compatíveis com o uso institucional? Somente as ferramentas que passam por essa triagem inicial são selecionadas.

O segundo momento pertence aos professores, pessoas que de fato utilizam essas ferramentas na prática, aplicam sua própria experiência pedagógica e avaliam o que acontece quando a tecnologia encontra uma sala de aula real. Esta fase utiliza escalas mais refinadas, analisando aspectos como a motivação, a usabilidade e a relevância para a aprendizagem. É aqui que a dimensão humana retorna: não como um corretivo para a tecnologia, mas como a lente através da qual a tecnologia se torna significativa para a educação.

Manter essas duas fases separadas é uma escolha que reflete uma convicção: segurança e qualidade estão relacionadas, mas não são a mesma coisa. Uma ferramenta pode estar em conformidade com as normas, mas ser pedagogicamente deficiente. Pode ser impressionantemente funcional e legalmente inadequada para a faixa etária. Tratá-las como um único critério obscureceria ambas.

Sobre os números e o que eles não provam.

O banco de dados inclui atualmente avaliações de mais de 150 ferramentas, das quais uma proporção relativamente pequena foi recomendada sem reservas. Seria tentador apresentar isso como evidência de rigor — um padrão elevado, um processo sério. Mas essa interpretação seria simplista demais.

O que os números refletem com mais honestidade é a complexidade do cenário: muitos

Ferramentas verdadeiramente bem projetadas não foram criadas pensando em crianças em idade escolar, e adaptá-las a esse contexto exige um cuidado que seus criadores nem sempre tiveram.

A questão mais interessante não é quantas ferramentas foram aprovadas ou reprovadas, mas o que o processo de avaliação revela sobre as premissas embutidas no mercado. A maioria das ferramentas de IA é projetada para adultos, em contextos profissionais ou de consumo, com funcionalidades educacionais adicionadas como um recurso posterior, em vez de serem concebidas desde o início.

Os problemas de conformidade e pedagógicos que surgem durante a avaliação não são, em muitos casos, descuidos, mas simplesmente reflexos de um público-alvo principal que nunca foi a sala de aula.

Curiosidade com um Chão

O que o avaliador, em última análise, tenta oferecer não é uma prescrição, mas um ponto de partida. Um espaço cuidadosamente selecionado no qual os professores podem explorar, experimentar e desenvolver o seu próprio julgamento profissional sobre IA, sabendo que as ferramentas que encontram já foram examinadas por pessoas com conhecimentos diferentes, porém complementares. O objetivo não é dizer aos educadores o que pensar, mas libertá-los de um fardo que nunca deveria ter sido inteiramente deles.

Isso é importante porque deixar cada professor navegar sozinho por todo o cenário não gera envolvimento crítico. Gera exaustão, seguida de rejeição ou adoção acrítica. Nenhuma dessas opções é boa para os alunos. Nesta etapa, o avaliador é um recurso interno do projeto AI Explorers. É uma etapa de um processo mais longo, concebido para ser testado e aprimorado pela experiência dos educadores que o utilizam inicialmente.

A aspiração, com o tempo, é que se torne um ponto de referência comum que não pertença a uma única perspectiva, mas que seja construído por meio de uma prática coletiva genuína. Vale a pena sermos modestos quanto a essa ambição. As ferramentas de avaliação podem tornar-se obsoletas rapidamente, e a área evolui mais rápido do que qualquer banco de dados consegue acompanhar. Mas o propósito fundamental — ajudar educadores a escolher com base em critérios, e não no acaso — não tem prazo de validade.

Dentro da Avaliação

Como testamos mais de 150 ferramentas de IA

O Processo

O processo combinou pesquisa documental com avaliação profissional por professores. Cada ferramenta foi inicialmente examinada segundo uma estrutura de avaliação comum que abrangia valor educacional, usabilidade para professores, adequação aos alunos, inclusão, segurança, privacidade, transparência e implementação prática nas escolas. Isso significou analisar não apenas as funcionalidades da ferramenta, mas também questões como a LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados), restrições de idade, acessibilidade, preço, disponibilidade de idiomas e localização do servidor.

Em seguida, o Subgrupo de Ferramentas, composto por nove participantes, incluindo sete professores, analisou as ferramentas selecionadas com maior profundidade e compartilhou opiniões sobre a sua relevância em sala de aula e utilidade prática. Isso ajudou a garantir que a avaliação não se baseasse também no julgamento profissional de educadores que atuam em contextos escolares reais.

Uma das conclusões mais claras até agora é que as ferramentas mais promissoras nem sempre são as mais populares. Os professores valorizaram consistentemente as ferramentas que realmente pudessem apoiar o ensino e a aprendizagem, economizar tempo de preparação, fortalecer a diferenciação, melhorar o feedback ou ajudar os alunos a se envolverem de forma crítica e criativa com a IA.

O processo de avaliação também confirmou que a seleção de ferramentas não se pode basear apenas na popularidade. Algumas ferramentas foram excluídas ou sinalizadas para verificações adicionais de elegibilidade devido a preocupações com a privacidade, restrições de idade, baixo valor educacional ou utilidade limitada em sala de aula. É exatamente por isso que a avaliação é importante: ela ajuda as escolas a irem além do hype e a identificarem ferramentas que não sejam apenas inovadoras, mas também responsáveis, práticas e pedagogicamente significativas.

Principais conclusões

Cerca de 150 ferramentas já foram avaliadas e novas ferramentas continuarão sendo analisadas à medida que o projeto se desenvolve.

O subgrupo de Ferramentas contou com a participação de 9 pessoas, incluindo 7 professores.

Após o processo inicial de avaliação e revisão, uma lista inicial de aproximadamente 30 ferramentas foi selecionada para receber atenção especial na planificação de formação e currículo.

As categorias com melhor classificação incluíram apoio ao ensino, avaliação e feedback, tutoria e prática, e alfabetização em IA/programação e STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática).

Os professores valorizaram particularmente as ferramentas que apoiavam a diferenciação, a planificação de aulas, o feedback, a criatividade e o pensamento crítico.

Os principais desafios identificados durante os testes incluíram preocupações com a privacidade e o RGPD (Regulamento Geral de Proteção de Dados), restrições de idade, barreiras de custo e utilidade variável em sala de aula.

Algumas ferramentas foram excluídas porque, embora tecnicamente impressionantes, não ofereciam valor educacional suficiente ou relevância prática para uso escolar.

A Perspectiva dos Professores

Depoimentos em primeira mão das escolas participantes

O que Aprenderam os Professores do Agrupamento de Escolas de Vila Nova de Paiva ao Olhar para Além da Tecnologia

Qual foi a vossa primeira impressão ao começar a avaliar as ferramentas de IA para o projeto AI Explorers?

A avaliação das ferramentas de IA que poderemos explorar, usar e compartilhar com nossos colegas posteriormente foi uma etapa extremamente exigente. Inicialmente, pensamos que seria uma tarefa relativamente simples. Logo descobrimos que era muito mais complexa do que imaginávamos. Ao começarmos a explorar a ampla gama de ferramentas disponíveis, percebemos o quão desafiador era compará-las de forma significativa.

Qual foi o maior desafio?

A enorme quantidade de ferramentas. Com dezenas de plataformas disponíveis — e ferramentas novas a surgir quase todas as semana e muitas a oferecer benefícios semelhantes — o verdadeiro desafio era determinar o seu valor educacional, confiabilidade, acessibilidade e relevância prática, identificando quais as ferramentas que realmente apoiam a aprendizagem e quais as que simplesmente oferecem recursos atraentes sem um claro valor educacional.

Que perguntas nortearam a vossa avaliação?

Como equipa, muitas vezes vimo-nos a fazer mais perguntas do que a dar respostas. Quais ferramentas são acessíveis e intuitivas o suficiente para professores e alunos? Elas incentivam a criatividade, o pensamento crítico ou a literacia digital? Quais são as que oferecem valor educacional significativo em vez de apenas recursos tecnológicos impressionantes? Essas discussões foram estimulantes e desafiadoras, exigindo que olhássemos além da tecnologia em si e nos concentrássemos no seu valor pedagógico.

O que vos surpreendeu durante o processo?

Descobrimos que as ferramentas tecnicamente mais avançadas nem sempre eram as mais úteis em contextos educacionais. Em alguns casos, ferramentas mais simples ofereciam maior valor por serem mais fáceis de entender e aplicar no dia a dia com os alunos. Ao mesmo tempo, esse processo permitiu vislumbrar alguns dos caminhos educacionais que essas ferramentas podem abrir. Explorámos ferramentas que podem estimular a criatividade, apoiar o pensamento crítico, promover a literacia digital e contribuir para experiências de aprendizagem mais personalizadas.

Que oportunidades veem na IA para a educação?

O processo de avaliação incentivou-nos a olhar além da inovação pela inovação. Embora algumas ferramentas se destacassem pelas suas funcionalidades avançadas, outras mostraram-se mais eficazes por serem mais fáceis de integrar na prática educacional diária. Isso lembrou-nos que o sucesso de uma ferramenta depende não apenas do que ela pode fazer, mas também de quão bem ela responde às necessidades reais da sala de aula.

Qual é a principal lição que gostariam de partilhar com outros professores?

Talvez a lição mais importante que aprendemos seja que os professores precisam de critérios tanto quanto de ferramentas. Avaliar soluções de IA sob uma perspectiva pedagógica ajudou-nos a ir além do entusiasmo inicial em torno das novas tecnologias e a focar no que realmente importa: melhorar os resultados de aprendizagem dos alunos. No entanto, a nossa avaliação reforçou a ideia de que o verdadeiro valor dessas ferramentas não reside no que elas podem fazer, mas sim na forma como são utilizadas de maneira criteriosa.

A Perspectiva dos Professores

Depoimentos em primeira mão das escolas participantes

Elena Alexa, professora romena

Ensinamos na era da IA. Como professores, usamos a IA.

Eu perguntei-me por quê usar a IA nas minhas aulas de romeno e respondi: é uma ferramenta de aprendizagem recente, pode ser usada gradualmente, ajuda com percursos de aprendizagem personalizados (hoje em dia os alunos precisam de uma aprendizagem muito mais personalizada do que antes), orienta na seleção de materiais e, com a gamificação, economiza tempo. Todos nós pensamos da mesma forma.

Mas, no processo de utilização da IA, as nossas competências são muito importantes: conhecer o potencial dos alunos, os nossos objetivos em cada disciplina, o tipo de avaliação que queremos realizar e a capacidade de utilizar as novas tecnologias. Então, por quê usar a IA no processo de ensino? A IA pode gerar múltiplos cenários de ensino, propor diversas estratégias pedagógicas e atividades interativas num curto espaço de tempo. Isso permite que os professores selecionem e adaptem as abordagens mais adequadas ao seu contexto específico.

Eu mencionei a gamificação. Nas últimas aulas de língua romena, no final do ano letivo, desafiei os meus alunos com alguns jogos educativos usando IA. Eles tinham que criar uma música (com a IA SUNO) sobre um tema específico (escola, férias de verão, natureza, governantes romenos, escritores romenos etc.), com detalhes bem específicos, para escolher a música certa para aquele tema. Aqui estão alguns links para as músicas que eles criaram:

https://suno.com/s/6wL8LKDXbhCcq3hj

https://suno.com/s/k6pTP4bbc4WNVYxM

https://suno.com/s/eYqJgkyceYSkxJGz

https://suno.com/s/zFzdQcFkmfQymaOY

https://suno.com/s/eTlczsZg9AcyyO1D

https://suno.com/s/I7cPVw2un2LsCykm

https://suno.com/s/hDfLDesYw9BzrGEq

ȘCOALA GIMNAZIALĂ "CONSTANTIN PARFENE" VASLUI
ȘCOALĂ EUROPEANĂ

Mais do que tecnologia: Lições de professores da Escola Secundária C. Parfene, Roménia.

Corina Velișcu – Professora de inglês

Numa era em que a IA parece ser cada vez mais utilizada em todos os domínios de atividade e em ritmo acelerado, este projeto surge para ajudar os professores a encontrar o lugar certo da IA na educação.

Por um lado, as ferramentas de IA provam ser extremamente úteis tanto para professores quanto para alunos, proporcionando acesso facilitado a todos os tipos de informação. Por outro lado, o desafio para os professores surge quando se trata de usar a IA de forma criativa e eficiente em sala de aula. Este projeto parece oferecer aos professores tanto a oportunidade de discutir com colegas de uma ampla comunidade educacional a utilidade de diferentes ferramentas de IA, quanto a possibilidade de testá-las e aplicá-las diretamente em sala de aula durante o processo de ensino.

Portanto, neste projeto, os professores têm a possibilidade de encontrar em conjunto as melhores formas de implementar ferramentas de IA nas aulas, descobrir quais as ferramentas de IA que parecem ser as mais úteis, bem como a melhor forma de utilizá-las de forma eficiente, a fim de estimular o desenvolvimento de competências complexas nos alunos, como a criatividade, a colaboração, a cooperação e o pensamento crítico, tão procuradas no mercado de trabalho atual.

Espero que este projeto crie a estrutura adequada para discussões construtivas, pois, num mundo em rápida transformação e com necessidades educativas complexas, precisamos fazer com que a IA facilite o nosso papel como professores, e não que o sobrecarregue.

Notícias do AI Explorers









26–27 de março de 2026 | AI Explorers TPM em Vaslui, Romênia

Um sincero agradecimento à Școala Gimnazială Constantin Parfene por nos receberem tão bem no nosso segundo Encontro Transnacional do Projeto!

Ao longo de dois dias intensos, parceiros do Chipre, Itália, Irlanda, Portugal, Roménia e Finlândia analisaram o progresso alcançado em todos os Pacotes de Trabalho, avaliaram o estado atual da implementação e planearam os próximos passos do projeto:

- **Finalizar o currículo de formação de professores e desenvolver materiais didáticos;**

Ministrar o programa de formação de professores AI Explorers;
Apoiar a integração de ferramentas de IA selecionadas na prática diária em sala de aula;
Implementação de projetos-piloto em sala de aula para testar e aprimorar atividades de ensino e aprendizagem com o auxílio de inteligência artificial;

- **Planificar atividades de disseminação mais amplas, estendendo o impacto para além da parceria.**

As discussões realizadas em Vaslui lançaram as bases para o trabalho apresentado nesta edição do boletim informativo. Desde então, os professores avaliaram mais de 150 ferramentas de IA, compilando uma coleção selecionada de soluções de IA concebidas por educadores, para educadores.

Notícias do AI Explorers



1



2



3



4

Em maio passado, na Escola C. Parfene, na Romênia (fotos 1-2), e no Agrupamento de Escolas de Vila Nova de Paiva, em Portugal (fotos 3-4), professores participaram no simpósio "Ensino, Aprendizagem e Julgamento Humano na Era da IA", explorando uma das questões centrais que norteiam o projeto AI Explorers: como a IA pode apoiar professores e a aprendizagem sem comprometer a qualidade educacional, a ética e a inclusão?

Por meio de um vídeo de apresentação de Pete Stevens (GRYD), os participantes foram incentivados a ir além do debate polarizado em torno da IA. Em vez de vê-la como uma solução milagrosa que transformará a educação ou como uma ameaça à criatividade, à avaliação e ao papel do professor, o simpósio promoveu uma perspectiva equilibrada e centrada no ser humano.

A discussão também destacou por que as escolas não podem dar-se ao luxo de ignorar a IA. O maior risco não é que os alunos usem a IA para fazer os trabalhos de casa, mas sim que cresçam cercados por tecnologias poderosas sem aprender a questioná-las criticamente ou a usá-las de forma responsável. A AI Explorers defende um caminho diferente: não adaptar a educação à IA, mas repensar a IA para a educação, ajudando os professores a aproveitar o potencial da IA enquanto preparam os alunos para se tornarem cidadãos críticos, éticos e criativos.

Assista ao vídeo em nosso canal do YouTube.
https://www.youtube.com/@AIExplorers-eu

No dia 28 de maio, o Hangö Högstadium acolheu uma apresentação do projeto AI Explorers, que apresentou aos professores a visão do projeto de apoiar as escolas na integração responsável da inteligência artificial. A sessão apresentou as etapas do projeto, incluindo a avaliação de ferramentas de IA para uso educacional, o desenvolvimento da formação de professores e a implementação piloto de atividades de aprendizagem aprimoradas por IA em salas de aula reais. O evento sublinhou a importância da utilização da IA para apoiar o ensino, mantendo a qualidade educacional e o julgamento humano como princípios fundamentais.



EXPLORERS

Exploradores da IA: Cultivando a criatividade e a alfabetização digital na educação com inteligência artificial.

European University Cyprus

ŞCOALA GIMNAZIALĂ "CONSTANTIN PARFENE" VASLUI

GLOCAL FACTORY

ae VNP Agrupamento de Escolas de Vila Nova de Paiva

GRYD

HANGON KAUPUNKI
HANGÖ STAD

www.aiexplorers.eu

www.facebook.com/groups/aiexplorers.eu

www.instagram.com/aiexplorers25/

2025-1-CY01-KA220-SCH-000358168

Financiado pela União Europeia. As opiniões e pontos de vista expressos são, contudo, da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es) e não refletem necessariamente os da União Europeia ou da Agência Executiva da Educação e da Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser responsabilizadas por eles.